

MATILDE ROSA ARAÚJO

Entrevistada por Maria Augusta Silva

A história da literatura infantojuvenil em Portugal escreve-se, na primeira linha, com o nome de Matilde Rosa Araújo. Nesta entrevista, a terna “Tila” fala da infância, da escrita e da leitura. De um universo onde aprendeu a ver a criança como pessoa que é.

Que mais a fascinou na sua infância: os brinquedos ou escutar uma bela história?

O meu contacto com histórias infantis deu-se só quando aprendi a ler. Tinha a minha boneca, a Januária, que guardo ainda hoje. Uma companheira da memória. Mas sentia-me sobretudo fascinada pela quinta onde vivia, ali para os lados de São Domingos de Benfica. Não tenho ideia de brincar muito nem me lembro de me contarem histórias.

Aprendeu a ler aos sete anos?

Mais cedo.

Precoce?

Não. Tinha uma grande ânsia de aprender a ler e a professora ia a nossa casa. Fiz assim a primária e o liceu. Sinto pena, no entanto, de não ter ido à escola. Quando entrei para a Faculdade fiquei muito contente. Tive a felicidade de encontrar professores extraordinários e colegas espantosos.

Nunca se interrogou sobre a razão por que brincava pouco. Foi sempre de grandes solidões?

Tenho uma solidão alegre, não redutora. Gosto muito da vida com alegria. De conviver.

Recorda-se das primeiras histórias que leu?

Lembro-me de *O Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro. Parece um livro difícil, mas eu achei-lhe muita graça.

Grandes escritores portugueses do romance, do conto, dedicaram algumas das suas obras às crianças. Uma injustiça esquecer essa faceta? Estou a lembrar-me, também, de Redol...

É injusto não haver maior divulgação desses livros, porque não são só obras de talento. Além de Aquilino e de Alves Redol, outros exemplos: António Sérgio, Maria Lamas, Jaime Cortesão.

Meio século a escrever. Como se mantém esse ritmo?

Uma necessidade de levar para o papel o que sinto.

A criança é o seu universo?

Não comecei por aí. Tive uma fase da chamada escrita para adultos, embora a criança já estivesse presente. Quando fui dar aulas, o meu encontro com as crianças revelou-se a grande descoberta. Aprendi a ver a criança como pessoa que é.

Um ser complexo...

Muito. A sociedade nem sempre sabe estar com a criança. Permito-me salientar o caso das que mais sofrem. Das crianças com fome de tudo. Fome de afetos, fome de pão, sede de água, sede de compreensão. E falo das crianças feitas agentes de guerra, a quem metem uma arma nas mãos para matar.

A sua literatura, no conto como na poesia, fala e dirige-se a todas as crianças, mas fixa-se especialmente nos «meninos da rua». Uma forma de intervenção?

De alertar para cruentas realidades. Mas há também crianças aparentemente com bem-estar e mais acompanhadas que sofrem de falta de afetos.

Alguns estudiosos da sua obra dão-na como próxima de uma escrita neorrealista. Concorda?

Se neorrealismo significa, de facto, ver e contar realidades, pois será.

Gostou dos neorrealistas?

Gostei. Lembro, entre tantos, Manuel da Fonseca, Redol.

A dança melódica dos seus versos aproxima-se igualmente dos cancioneiros?

De certo modo. E tenho um fascínio pela poesia medieval, tal como me encanta a poética de Lorca, a sua musicalidade, a maneira como caminha para o mundo. Lorca é um autêntico criador.

Os poetas da Távola Redonda passam pelo seu encantamento?

Sem dúvida. Recordo, por exemplo, David Mourão-Ferreira como grande poeta e amigo.

Na sua poesia para o público infantojuvenil concilia a palavra sentimental e o humor. Uma forma de estar na vida?

Chego a rir-me sozinha. Aprecio a literatura de humor que vai ao encontro do sol da vida.

Ao mesmo tempo que as palavras jogam o jogo do mundo infantil, ergue-se a voz adulta...

Essa voz não aparece por eu querer estar lá. É involuntária. Sinto a criança comigo. É um ser convivente. Uma voz adulta natural.

Será a voz que melhor conta a dor da criança agredida?

Uma voz de esperança no futuro, apesar de tudo. Esperança de que os direitos da criança sejam respeitados. Se não houver capacidade para respeitar os direitos da criança, não serão respeitados os direitos do Homem.

Crianças agredidas existem independentemente do meio sociocultural em que se integram?

A falta de calor humano encontra-se a todos os níveis.

A sua escrita aposta na humanização. Confiante?

Creio que muita gente a deseja e dará o seu contributo para uma vida mais humanizada. Se esse ideal se cumprirá plenamente?... Vou morrer sem o saber.

Desde *O Livro da Tila* (1957) até ao último *Segredos e Brinquedos*, não altera o estilo. Fidelidade?

É a minha forma de contar. Admiro os que escrevem de outra maneira.

© MARIA AUGUSTA SILVA